

Pedro Nava e as genealogias da memória

Pedro Nava and the Genealogies of Memory

Maria Alice Ribeiro Gabriel
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Uberlândia | MG | BR
rgabrielh935@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-0256-1306>

Resumo: O foco deste artigo é o tema da genealogia na obra do médico e memorialista brasileiro Pedro Nava. Averiguando contextos e situações em que a genealogia pode ser utilizada, o autor discute o tema em passagens (auto)biográficas e digressivas das *Memórias*. O propósito deste estudo é examinar o modo como Pedro Nava conecta conhecimento genealógico, herança cultural, história familiar, ancestralidade genética e identidade social a fim de reconstituir o passado. O objetivo é analisar excertos das *Memórias*, de acordo com reflexões de Erik Erikson (1963, 1975, 1980), Paul John Eakin (2008, 2020) e Paul Ricoeur (1985, 2004), entre outros autores.

Palavras-chave: Pedro Nava; *Memórias*; Genealogia.

Abstract: This article focuses on the genealogy theme in the work of the Brazilian doctor and memoirist Pedro Nava. Scrutinizing contexts and situations in which genealogy might be undertaken, the writer discusses the theme in (auto)biographical and digressive passages of his *Memoirs*. This study aims to examine how Pedro Nava links genealogical knowledge to cultural heritage, family history, genetic ancestry or social identity to reconstitute the past. The objective is to analyze excerpts of the *Memoirs*, according to reflections of Erik Erikson (1963, 1975, 1980), Paul John Eakin (2008, 2020) and Paul Ricoeur (1985, 2004), among others.

Keywords: Pedro Nava; *Memoirs*; Genealogy.



Introdução

A expansão do conhecimento nos campos da Genética e da Neurociência promoveu o desenvolvimento de tecnologias de acesso a informações de arquivos e de bases de dados que permitiram a diferentes áreas, como Direito, Geografia, História Social e Medicina, analisar questões sobre ancestralidade e história familiar, individual ou coletiva, avanços estendidos ao estudo de bases neurofisiológicas que conectam emoção e memória. Tais pesquisas afetariam ainda os Estudos Literários. Em “Madeleines and Neuromodernism: Reassessing Mechanisms of Autobiographical Memory in Proust” (1998), Kirsten Sheperd-Barr e Gordon M. Shepherd analisaram o mecanismo neurológico que vincula memória associativa e paladar na obra *Em Busca do Tempo Perdido* (1913), e a dimensão estética outorgada por Proust a tal experiência.

As teorias do neurocientista Antônio Damásio (sobre as bases neurais que relacionam consciência, memória e emoção à constituição do “eu autobiográfico”, e sobre os mecanismos e as regiões cerebrais envolvidos na construção da narrativa autobiográfica) têm sido referidas em trabalhos das Ciências Biológicas, Linguística e Letras aplicados ao estudo da chamada “memória autobiográfica”, conectando áreas das ciências antes praticamente incomunicáveis.

O neurocientista Howard Eichenbaum (2002, p. 381) expôs a existência de um continuum de sistemas intercomunicantes que, unindo memória e cognição, partilham informações para gerir nosso “sentido de autobiografia” (as memórias das experiências de um período). História, identidade, memória e tempo, temas aprofundados por Paul Ricoeur (1985, 2004) e Paul John Eakin (2008, 2020), são cotejados nas *Memórias* de Pedro Nava, reunindo observações sobre o papel da memória no processo composicional da escrita (auto)biográfica.

Sob enfoque analítico e descritivo, este estudo centra-se no tema da genealogia, com o objetivo de examinar referências e teorizações de Pedro Nava sobre o assunto. A seção inicial reúne perfis biográficos de “linhagistas” citados nas *Memórias*; a seguinte, reflexões do autor.

1 O “gosto pelas árvores de costado” e os “arquivistas da família”

Em *Balão Cativo* existe uma passagem autobiográfica sobre o fascínio de Pedro Nava por genealogia, e que remonta a dezembro de 1913, quando Joaquim José Nogueira Jaguaribe, avô materno do memorialista, mudou-se de Juiz de Fora para Belo Horizonte, acompanhado da filha, D. Diva Mariana Jaguaribe Nava, viúva e mãe de cinco filhos. Nos primeiros dias da mudança, antes de adquirir endereço próprio, o grupo hospedou-se na casa de Júlio César da Cunha Pinto Coelho, no bairro Floresta, à esquina das ruas Jacuí e Pouso Alegre, onde Pedro Nava, à época com dez anos de idade, conheceria, de maneira especial, dados genealógicos da “família Pinto Coelho de Minas Gerais”, por meio de D. Joana Carolina Pinto Coelho Júnior:

Era *tia*¹ Joaninha entrando com a batida de suas muletas. Nada não, senhora! Tava só olhando as pinturas. Pois então sente aqui [...] e venha aprender quem

¹ Nas *Memórias*, para referir “o médico cearense Dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira D. Diva Mariana Jaguaribe Nava”, Pedro Nava convencionou grafar “Pai” e “Mãe” com inicial maiúscula, e “tia”, em itálico, distingue “*tia* Joaninha”, assim como o casal Ennes de Souza, entre muitos tios e tias de uma família numerosa.

são. Mostrou três telas a óleo. Duas tinham fundo cor de tijolo onde realçavam, na primeira, um velho de vasto topete, barbas fluviais, uma expressão triste e severa nos olhos verdes; na segunda, uma velha de ar gorducho, resignado e insignificante. O quadro do meio representava uma linda moça com o mesmo penteado, as roupas e a expressão da senhora pintada por Renoir em *La Grande Loge*. Começou por ele, agradada. Esta sou eu, como eu era... Aquele, meu pai, Modesto José Pinto Coelho da Cunha. Aquela, minha mãe, Joana Carolina Pereira da Silva Pinto Coelho da Cunha, irmã de sua bisavó Mariana. É por isto que eu sou como tia de vocês, como irmã de sua avó, da Regina, do Júlio. Para distinguir de minha mãe é que eu assino Joana Carolina Pinto Coelho Júnior. E assinava mesmo, desse jeito esquisito. Mostrou depois o *daguerre* de D. Mariana que acabou nas minhas mãos. Outros *daguerres*, o de sua avó Dona Lourença e o da irmã desta, a Baronesa de São Mateus. Um *fusain* representava o Luís da Cunha vestido de Alfredo de Musset, barbas de hippie, penteado de corte à inglesa, braço dado com a mulher e vítima. [...] Percebendo meu interesse e instalada no seu assunto predileto, tia Joaninha ministrou-me a ducha genealógica até a hora do jantar. (Nava, 1977, p. 89–90).

Em “Belorizonte Belo”, capítulo II de *Galo-das-Trevas*, que relata os últimos dias de vida de D. Joana Carolina, falecida em 30 de julho de 1929, Pedro Nava (1981a, p. 350) escreveu: “Memória de anjo, sabia toda a crônica familiar, era linhagista reputada”. A história de “tia Joaninha” tem início em *Baú de Ossos*, integrando as biografias dos Pinto Coelho e as reminiscências de Pedro Nava (1974, p. 165): “Depois de sua morte [de Júlio Pinto, em março de 1916], a tia Joaninha me ofereceu três lembranças de minha bisavó”. Com base na ideia de continuidade das tradições mantidas por um grupo, Pedro Nava (1974, p. 17) parece incluir-se, desde menino, entre os familiares dispostos a reconstituir a trama dos laços de parentesco e a história dos antepassados, trama e história que, embora possam ser respaldadas por registros íntimos e oficiais, envolvem relatos e recordações transmitidos apenas por meio da oralidade: “A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos [...] e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar.” Para o antropólogo e cientista social Robin Fox (1967, p. 13), a história do cotidiano evidencia as relações de família; a genealogia, as relações de prestígio social. Relações de ancestralidade e parentesco são validadas em sociedades antigas e modernas, estruturando, como pivôs, atos e sentimentos de lealdade, compromissos de ordem vária e, notavelmente, a história da família.

Relatos escritos e orais podem aludir à genealogia para reconstituir a história familiar. Esta passagem de *Galo-das-Trevas* ilustra etapas do processo de formação de arquivos (coleta de dados e de relatos, entrevistas, operações eletivas e de censura dos conteúdos selecionados para arquivamento). Após essas etapas, o próprio arquivista pode transcrever o que recolheu:

A prima Zoleta² aumentando a família e com filhas cada dia mais bonitas...

— Falánisso, se você souber, me dá a idade das filhas da Risoleta...

O Antonico³ pegou uma ruma de cadernos capa de oleado preto, dos grossos e à medida que o Egon lhe fornecia os dados ele ia assentando num. O que tinha páginas com letras do alfabeto.

² Risoleta Regina Pinto Coelho Jaguaribe (1890–1982), filha de Joaquim Nogueira Jaguaribe e D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe. Risoleta (Dedeta) era a irmã mais nova de D. Diva Mariana, mãe de Pedro Nava.

³ Antônio Carlos Horta (1866–1835) era filho de Francisco Alves da Cunha Horta e D. Regina Virgilina Pinto Coelho, irmã de D. Maria Luísa, avó materna de Pedro Nava.

— Pelo que vejo o Primo Antonico também gosta de estórias da família, hem? A prima Joaninha fica em boa companhia. O Pedro Nava e eu também somos atreitados a genealogias.

— Ah! é? então olhaqui estes cadernos. Tudo, tudo, casos de nossa gente que eu andei colhendo a vida inteira. Sacarrolhando dos parentes. Eta! gente mais embutida... Medo de contar até fita de cinema...

E os casos vieram. Os bons e os menos confessáveis — dos que — dizia o Antonico, não tomo nota, mas guardo de cabeça. Se fosse escrever tudo acho que esses cadernos pegavam fogo. (Nava, 1981a, p. 260).

A transcrição do conteúdo de arquivos em anais, autobiografias, biografias, crônicas, ficções, memórias, escritos de ordem científica e registros audiovisuais submete os elementos arquivados a novas operações de análise, seleção, ordenação e, sobretudo, de interpretação. No comentário de Antônio Horta: “Se fosse escrever tudo acho que esses cadernos pegavam fogo”, reside uma questão peculiar ao destino de escritos íntimos e dos mais variados itens passíveis de conservação em acervos pessoais e familiares, questão atinente a relacionamentos e valores cultivados por um grupo, em família e na sociedade. Escritos de teor memorialístico (cadernos, cartas, diários, autobiografias, biografias e memoriais biográficos), cuja publicação foi sancionada pelo autor ou por familiares, estão sujeitos a repercussões de teor ético. Pedro Nava (1976, p. 277–278) relatou em *Chão de Ferro* a destruição de um “[...] velho livro de *Deve e Haver*, páginas cheias de colagens e da escrita inconfundível do pai de [sua] mãe. [...] Ela leu calada [...] o livro, atirou seus quartos no fogão. O fogo quase apagou com o entulho, depois tomou fôlego, força e levantou-se outra vez numa chama alta e clara”.

Nas *Memórias* há vários episódios sobre o tema da conservação do passado material e imaterial. Sob a perspectiva do memorialista, unindo as funções de (auto)biógrafo, cronista, e historiador, Pedro Nava (1974, p. 154) reitera o costume de fazer da genealogia e da história familiar um legado entre gerações. Ao observar que, de D. Lourença Maria de Abreu e Melo: “[...] transmitiram-se várias reminiscências [...] Quase que posso dizer que a conheci, de tal modo seus traços se envoltavam nos de sua neta Joana Carolina Pinto Coelho (*tia* Joaninha), que frequentei em Belo Horizonte, que vi morrer e que levei à cova”, ele se torna parte dessa tradição, por laços de afeto e de parentesco; pelo testemunho pessoal ou de outras pessoas. O estudo genealógico seria igualmente utilizado para aperfeiçoar retratos individuais e coletivos:

Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno, essa entoação de voz que a neta recebeu da avó, a tradição que prolonga no tempo a conversa de bocas há muito abafadas por um punhado de terra [...] esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo da adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão. [...] Máscara comum que eles tiraram magicamente do Tempo. [...] Um fato deixa entrever uma vida; uma palavra, um caráter. (Nava, 1974, p. 40–41).

Além do estudo genealógico, Pedro Nava (1974, p. 287) mencionou em *Bau de Ossos* um de seus principais expedientes para reconstituir retratos humanos e cenas do passado: “Eu tinha seis para sete anos, mas nascera com o dom de observar e guardar”. Aprimorado em sua formação e exercício profissional, junto ao interesse por arte e anatomia, esse dom permitiu-

lhe ver o corpo humano com olhos de médico e de esteta ao mesmo tempo. Entrevistado por Lourenço Dantas Motta, Pedro Nava (1981b, p. 8) relacionou essa particularidade ao processo composicional das *Memórias*: “O meu processo é um processo clínico... A descrição dos tipos, por exemplo. Aprendi a olhar, a ver como médico. Temos de usar nossos sentidos de uma maneira absoluta, de tirar deles tudo o que podem render. Modéstia à parte, sei observar...”. Ancestralidade e descendência são tópicos analisados com enfoque comparativo, justapondo conhecimentos do médico e anatomista aos do historiador e cronista de costumes.

Recurso auxiliar na “recomposição de um grupo familiar desaparecido”, genealogias conjugam-se a outros modos similares de reconhecer parentesco e descendência, como a pesquisa de documentos variados; de escritos domésticos e íntimos (bilhetes, cadernos, cartas, diários, livros de “*Deve e Haver*”, notas esparsas e marginalias); de álbuns, daguerreótipos, fotografias, gravuras, miscelâneas, receitas de família⁴ e recortes de jornais; de registros históricos e de reminiscências, como indicam estes excertos de *Baú de Ossos* e *Balão Cativo*:

Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto de partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da certidão de batismo de meu avô. [...] Já do avô Pedro da Silva Nava possuo retratos, cartas e as reminiscências que colhi de minha avó, de tios, tios-avós e de um seu caixeiro — José Dias Pereira, pai de conhecido médico do Rio de Janeiro, o Dr. Adolfo Herbster Pereira. (Nava, 1974, p. 20–21).

Quando o arquivo de Antônio Salles veio para minhas mãos lá descobri assentamentos de cuidados médicos dados a minha tia pelo dr. Lincoln de Araújo. Era terapêutica para esterilidade. Falhou. E digo-o com vergonhosa sensação de ciúme compensado — melhor para mim, melhor para o João. O almejado primo que não nasceu, acaso não desviaria de nós esse privilégio que foi o sentimento materno e paterno que ficamos devendo a esses queridos tios? (Nava, 1976, p. 77).

As *Memórias* recordam contextos sócio-históricos de usos da genealogia nos séculos XIX e XX, além de expor alternativas concebidas por Pedro Nava (1974, p. 40), como associar herança de base biológica e herança de base cultural, a primeira, unindo aspectos fenotípicos, clínicos, cognitivos e comportamentais, alude a “[...] esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos”; a segunda resulta de experiências, interesses, saberes e talentos comuns a certos membros da família, a exemplo desta descrição de Amair, prima de Pedro Nava (1976, p. 164): “Conversava com graça, era a mais inteligente das irmãs e conhecia a genealogia de nossa família tão bem quanto a tia Joaquina. Prenda herdada da tataravó Dona Lourença e que ela passou intacta a sua linda filha Maria José Leer Arneitz”. Note-se que, por implicação, esse “jeito de ser hereditário” identifica Pedro Nava (1974, p. 26) à figura do avô paterno, “o negociante maranhense Pedro da Silva Nava”: “Se agradava pela simpatia e pela beleza varonil, encantava também pela alta e nobre inteligência. Era um conversador inimitável e um narrador prodigioso”, do mesmo modo, um “jeito de ser hereditário” pode identificar um grupo:

⁴ Em “As genealogias culinárias de Pedro Nava”, Edina Panichi (2018, p. 70–71) expôs como receitas culinárias são particularizadas por ingredientes, preparações, temperos e reminiscências da história familiar, citando uma carta pessoal em que: “[...] o autor nos repassa, com os fundamentos históricos da tradição mineira, a chave do esquema culinário de seus antepassados que atravessou gerações e permanece a serviço de seus descendentes”.

Tudo concorria para a cordialidade, a boa convivência e a palestra deleitável. A cortesia. O bom nível intelectual da família. Principalmente o temperamento Pamplona — susceptível, emotivo, fantasista, imaginosos e exaltado. [...] Falando dos Pamplona, já disse de seu temperamento sensível, vibrante, imaginoso. Outras características também os distinguiam: a invariável boa educação, a cortesia exemplar e a bondade imensa, infantil, absurda — tocando as raias da ingenuidade. Além disso, certa morbidez, certo gosto espanhol e escurialesco pela morte, pelo sepulcro, pelo cadáver e pelas lágrimas. (Nava, 1974, p. 45–49).

Aludindo à genealogia, Pedro Nava busca definir, em vários planos (alimentar, econômico, ideológico, intelectual, religioso, etc.), características dominantes de grupos e indivíduos. Em *Baú de Ossos*, referências a D. Lourença apresentam igualmente a matriarca, senhora de “minas e lavras”, como “linhagista reputada”. No caso de D. Lourença, nos planos da história familiar e social, genealogias serviam para ratificar alianças e privilégios de famílias convivendo ainda com valores do mundo ibérico pois, segundo Pedro Nava (1974, p. 163): “Os casamentos das filhas e dos filhos eram todos escolhidos por ela. Nada de pobretões. Nada de gentinha. Lé com lé, cré com cré. Assim foi organizando enlaces, fazendo alianças, somando fortunas, mantendo puro o sangue que ela considerava o mais limpo de Minas”. A passagem seguinte sugere usos que a sociedade de cada época faz da genealogia para recordar a própria história:

Além de receitas de cozinha, Dona Lourença colecionava notas sobre sua família que permitiram que ela ditasse ao Visconde de Nogueira da Gama, boa parte da *Genealogia de Famílias Mineiras*, publicação do século passado e transcrita com enorme acréscimo de erros pela Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano XII, 1907. [...] Esse gosto pelas árvores de costado, dela e de seu sobrinho, repontou em sua neta Dona Joana Carolina Pinto Coelho, em sua bisneta Dona Hortênsia Natalina Jaguaribe de Alencar, em mim, seu tataraneto, e eu a vejo dando outro broto na curiosidade de minha sobrinha Maria Beatriz Flores Nava. Somos os arquivistas da família. Só que esse conhecimento, que eu cultivo do ponto de vista da zootecnia e da fuga para o convívio dos mortos, resultava em orgulho e prosápia no entendimento de Dona Lourença Maria de Abreu e Melo. (Nava, 1974, p. 162).

Segundo a linguista e antropóloga Judith T. Irvine (1978), genealogias informam sobre eventos passados, relações sociais e o modo como as sociedades se organizam. Para Irvine (1978, p. 651), a construção de genealogias admite distorções históricas, em razão do que podem incluir e omitir, não sendo, portanto, documentos precisos em certos casos, assim sendo, as raízes de alguns “esquecimentos”, lacunas e omissões encontram-se na própria organização social. Esta indica como as genealogias devem ser construídas e o que é preferível recordar ou esquecer para fixar a estabilidade do grupo em determinado domínio, questão à qual seria oportuno relacionar a finalidade do “livrinho dos *jenipapos*” de D. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe, neta de D. Lourença e avó materna do memorialista:

Insistia muito com a [parteira] Senhorinha para saber se os filhos e netos das amigas tinham nascido de *jenipapo* ou limpos de pele. Assentava num caderno explicando que era para não deixar moleques de bundinha verde casarem, mais tarde, com suas netas. Ai! língua, pra que falaste? Pois não é que... O livrinho dos *jenipapos* foi depois destruído por minha Mãe, tal e qual como os registros de entrada de escravos nos portos do Brasil foram queimados por obra de graça do Conselheiro Rui Barbosa. Minha avó, que era contra gente de cor, valorizava muito o *jenipapo*,

para ela sinal tão seguro de mulatice como pigmentação peri-ungueal, gengiva roxa, genitália escura... (Nava, 1974, p. 252).

Em “Poesia e ficção na autobiografia”, Antonio Candido (1987, p. 60) observou sobre Pedro Nava: “Nos seus [...] livros a autobiografia desliza para a biografia, que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão do mundo”, comentário extensivo à genealogia, quando examinada como ponto de intersecção entre história pessoal, familiar e social nas *Memórias*:

No que ninguém podia com o Itrício era na memória. Essa prenda fazia dele o linhagista da família. Ia às suas raízes na Colônia, nas ilhas, no Reino, explicava os colaterais e vinha, de galho em galho, deslindando consanguinidades e graus de parentesco. Por ele é que se sabia das contendas de seus tios-avós Pedro José da Costa Barros (“Capitão-Mor na Colônia, mas Coronel no Império...” — esclarecia), monarquista ferrenho, sempre em luta acesa com o irmão, Padre José da Costa Barros (“O que batizou José de Alencar!” — acrescentava), sacerdote liberal, republicano incorrigível e amigo do Reverendo Alencar. Sabia de cor as poesias dos primos que tinham a “mente às musas dada”, como o médico e poeta Antônio Manoel da Costa Barros e a poetisa Úrsula Garcia da Costa Barros. Referia com soberba que nós éramos para mandar e não para mandados, exemplificando com Frederico Augusto Pamplona que governara o Ceará e o Rio Grande do Norte e com Pedro José da Costa Barros que presidira o Ceará e o Maranhão. (Nava, 1974, p. 47).

É válido analisar as ponderações de Pedro Nava sobre genealogia considerando a ótica do médico a par do discurso científico vigente à época, a exemplo das teorias de Erik Erikson no campo do desenvolvimento psicossocial. Para Erikson (1963, 1980), um fator indicativo de maturidade psicológica em adultos, notadamente a partir da meia-idade, é o desenvolvimento do senso de generatividade, ou seja, da intenção de fornecer um legado às gerações seguintes.

Mauro de Oliveira Magalhães e William Barbosa Gomes (2005, p. 71) examinaram a relação entre carreira profissional, comportamento e generatividade, esta última, “[...] descrita por Erikson como a preocupação com o desenvolvimento da comunidade humana e o bem-estar das próximas gerações. Em nossa cultura, a atividade profissional é percebida como a forma mais significativa de contribuição individual para a sociedade”. A pesquisa expõe como a personalidade afeta “[...] o tipo de interesse vocacional e a magnitude do apego emocional do indivíduo a sua atividade de trabalho”. Dos estudos mencionados pelos autores, refira-se *Making vocational choices: a theory of vocational personalities and work environments*, obra publicada em 1973 pelo psicólogo e professor emérito de sociologia John Lewis Holland, que associa o contexto de trabalho a um modelo de personalidade. O aspecto da teoria de Holland citado por Magalhães e Gomes (2005, p. 72), em uníssono com as reflexões de Pedro Nava, é o de que “[...] os membros de uma profissão têm personalidades similares e também histórias similares de desenvolvimento pessoal”, argumento contido nesta passagem de *Baú de Ossos*:

Além de genealogista, o tio Itrício era um hábil curão. Vivia sugerindo tratamento, receitando mezinhas e aconselhando as pílulas de Matos (invenção milagrosa do boticário cearense Antônio José de Matos). Não estou longe de imaginar que a vocação médica de meu Pai — filho de comerciante, enteado de notário —

tivesse vindo do contato com seu tio. Hábil carimbamba, eu ainda o vi tratando do Chiquinho, filho do bravo Major Mendes, que era nosso vizinho e aparentado do Dr. Duarte de Abreu — este, comensal, amigo e mentor político de meu Pai. Retrospectivamente, faço o diagnóstico do menino que regulava idade comigo: *reliquats* benignos de paralisia infantil [...] O meu tio-avô Itrício, já se viu, era genealogista e curandeiro. (Nava, 1974, p. 48–57).

Pedro Nava menciona vários parentes com interesse por genealogia e história familiar, alusões de teor (auto)biográfico que reverberam em passagens digressivas e metalinguísticas, bem como em relatos que expõem tópicos das histórias cultural e social pelo olhar do médico, por exemplo, ao elencar benefícios, desafios e motivações do estudo genealógico, assunto da seção seguinte deste artigo.

2 “...há outros motivos que levam aos estudos genealógicos...”

Susan Moore, Doreen Rosenthal e Rebecca Robinson (2020) explicam que, apesar do conteúdo e metodologia comum, genealogia e história familiar possuem definições diferentes. A genealogia documenta a linhagem familiar, coleta dados sobre nascimento, matrimônio e morte para compor árvores genealógicas por meio da ancestralidade e descendência. Embora colete esses dados, a história familiar centra-se em relatos de eventos, biografias, realizações artísticas, políticas, sociais e mesmo na história médica de uma família. Genealogias escritas e orais foram produzidas desde a Antiguidade para associar pessoas à linhagem de heróis, reis e profetas. A pesquisa genealógica tem sido usada no passado e no presente para validar direitos econômicos e sociopolíticos, enquanto relatos da tradição oral do grupo validam o senso de pertencimento à família e a atuação desta em fatos históricos marcantes, como os casos sobre a participação dos Alencar e Jaguaribe nas revoluções de 1817–1824 e na Guerra do Paraguai, contados em “longas conversas” por Joaquim Jaguaribe, avô materno de Pedro Nava (1976, p. 143): “[...] casos antigos do Pau Seco, de Dona Bárbara e do 1817 — que ele reunira depois em modesto folheto. Depois o 1824, a chacina do Jardim [...]. Vinham depois as gestas do Paraguai, não as dos compêndios — heroicas e convencionais — mas as vividas [...]”.

Através da memória, ponderou Boursier (2002, n. p.), é possível questionar eventos e, sobretudo, a história contada sobre eles, o que é dito sobre eles. A memória dos interlocutores, dos relatos e testemunhos preservados, concede acesso a histórias de vida em um movimento simultâneo entre os polos do passado e do presente, pelo qual se divisam eventos e pessoas. É por essa razão que o historiador Phillipe Joutard (1977, p. 12 *apud* Boursier, 2002, n. p., grifo do autor) julga necessário uma pesquisa etnológica por meio da memória familiar para encontrar “uma outra história”, diferente da história oficial fundada sobre o gesto dos heróis, a despeito da “desconfiança instintiva” que a versão fornecida pela tradição oral possa inspirar.

A função da genealogia e da história familiar (recolhida de relatos orais e escritos) nas passagens (auto)biográficas das *Memórias* remete à observação de Paul John Eakin (2008, p. 85) sobre a memória e a narrativa autobiográfica direcionarem-se ao futuro, ainda que o autor opte por narrar a própria história utilizando uma figura autobiográfica, arguiu Eakin (2008, p. 109), recurso equivalente, nas *Memórias*, à criação da figura de José Egon Barros da Cunha.

Erikson (1975, p. 125) afirmou que autobiografias são escritas em estágios específicos da vida pública ou profissional e, sobretudo, em certos estágios tardios da vida, no intuito de (re) criar a si mesmo, gerando, com método próprio, uma imagem pessoal convincente. Note-se que Pedro Nava iniciou formalmente o projeto literário das *Memórias*, com a intenção de publicação, aos 65 anos de idade, quando já era médico prestigiado em seu campo de atuação.

A teoria da narrativa de Paul Ricoeur (1985, p. 245–246) é pertinente às *Memórias* ao propor a confluência entre o tempo histórico e o tempo entregue às variações imaginativas da ficção, entre a função de representação do passado histórico e os efeitos de sentido da recriação deste por meio da memória e da imaginação. O frágil ramo resultante do elo entre história e ficção, fruto da ficcionalização da história e da historicização da ficção, é a atribuição de uma identidade específica a indivíduos e comunidades, a que se pode denominar identidade narrativa, tomando-se o termo “identidade” no sentido de categoria prática.

Ricoeur acrescenta que definir a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: “Quem fez isso?”, “Quem é o agente, o autor?”. A princípio, responde-se a tal questão nomeando alguém, designando-o por um nome próprio. A base de permanência desse nome próprio, que justifica considerar o sujeito de uma ação, designado por seu nome, como o mesmo ao longo da vida, do nascimento até a morte, é narrativa. Responder à questão “quem?” é contar a história de uma vida. A história narrada revela o quem da ação. Logo, o quem comporta uma identidade narrativa. A trama narrativa torna compreensível a identidade *ipse* do sujeito, aquela que confere heterogeneidade às mudanças do ser no tempo, integrando-as à trama de sua vida, referiu Manuel Maceiras (2006, p. 630), ao expor que, para Ricoeur, o conhecimento subjetivo não nasce da intuição de si por si mesmo, mas do exame de uma vida contada e revista pela ponderação de símbolos, textos e obras, pois neles é que objetivamente se manifesta a identidade subjetiva de indivíduos e de comunidades. Símbolos, textos e obras formam um campo de repertórios e saberes referenciais para conectar o indivíduo ao grupo. A tais reflexões cabe associar esta assertiva de *Baú de Ossos*, como uma das chaves fornecidas por Pedro Nava (1974, p. 209) para a interpretação do plano (auto) biográfico das *Memórias*: “Os parentescos e amigos começaram a tecer a teia dos conhecimentos e dos amores”. Este plano surge no capítulo inicial de *Baú de Ossos*, situando no espaço e no tempo, a partir de Juiz de Fora, onde o autor nasceu, os ramos materno e paterno da árvore genealógica familiar:

E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. [...] A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrepitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida — Além Paraíba, Abre Campo, Brumado, Turvo, Inficionado, Encruzilhada, Caracol, Tremedal, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Sumidouro. Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). E do bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos. A segunda é a direção do oceano afora, serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas por rias e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas — singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas — que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo. (Nava, 1974, p. 13).

A existência de uma memória inerente à história familiar reporta à função da memória coletiva, vinculada por Ricoeur (1985, p. 118) às noções de traço e de testemunho do

passado. Para o sociólogo Jean-Yves Boursier (2002, n. p.), evocar traços é investigar o que subsiste do passado: sobrevivências, vestígios e ruínas podem testemunhar sobre uma atividade humana, um evento, uma cultura, uma filiação. Os traços interessam aos homens na medida em que são materializações do que já desapareceu, fornecendo-lhe uma imagem para comemorar, estudar, lembrar, representar e remontar ao passado. Nas *Memórias*, alusões ao interesse por vestígios materiais do passado são recorrentes, bem como, nas palavras de Boursier, a busca de origens, de raízes, por vezes, segundo um princípio de autoctonia que pressupõe encontrar um vestígio remontante a um território, a uma filiação. O “gosto pelas árvores de costado”, por arquivos e “objetos” reflete essa busca por vestígios que possam testemunhar sobre o passado da família:

Para recompor os quadros de minha família paterna tenho o que ouvi de minha avó, de meus tios-avós Itrício e Marout, das irmãs de meu Pai, de algumas primas mais velhas. Uns retratos. Umas folhas de receituário de meu primo Carlos Feijó da Costa Ribeiro com genealogias registradas por ele. Cartas. Cadernos de datas de meu avô Pedro da Silva Nava e de meu tio Antônio Salles. Notas diárias da mulher deste, Alice. Daí tenho de partir como Cuvier do dente e o ceramista do caco. No mais, há que ter confiança no instinto profundo de minha alma, de minha carne, do meu coração — que rejeitam como coisa estranha o que sentem que não é verdade ou que não pode ser verdade. Há também os objetos... [...] um quadro conservado três séculos e o fato de se saber disto, depois das nove gerações comportadas por esse prazo, mostram uma estabilidade de posição social (mesmo modesta!), um espírito tradicionalista, um respeito pelo passado e pelo antepassado que podem ser atestados, jurados e historiados. (Nava, 1974, p. 41).

No início do século XX, o escritor e jornalista Cuyler Reynolds, curador do Instituto de História e Arte de Albany, notabilizou-se por pesquisar a história genealógica e familiar do estado de Nova Iorque. Agraciado com o título de historiador da cidade de Albany, suas obras abrangem crônica histórica e memorialismo. Interessado por arte e história, Reynolds evoca o modelo de erudição cultivado por Pedro Nava (1974, p. 322), comparável, no âmbito familiar, ao perfil de seu pai, o médico José Pedro da Silva Nava e de outro “[...] parente, primo-irmão de [sua] avó paterna, [...] o Dr. João da Cruz Abreu. Médico, formado pela Faculdade da Bahia em 1892. Clinicava no bairro e dobrava o ser bom profissional com a personalidade de historiador e colaborador da Revista do Instituto do Ceará”. A imagem desse modelo ideal na família condiz com a teoria do sociólogo Eviatar Zerubavel (2012, p. 11) sobre a aplicação de princípios transculturais e trans-históricos norteadores da visão do parentesco genealógico e da lógica pela qual alguém seleciona, entre os indivíduos dos quais descende biologicamente, aqueles que gostaria de lembrar como ancestrais e parentes. As visões individual e coletiva da genealogia revelam modos sociais de se conceber noções como família, nação, raça e outros tipos de comunidade, determinadas por um princípio de semelhança, verificável neste excerto:

O gosto pelas genealogias pode nascer também do orgulho do encadeamento de gerações dadas a um mister, a uma profissão, e estabelecem-se assim árvores familiares de magistrados, notários, médicos, militares e até verdugos, como as dinastias francesas dos Sanson e dos Deibler. De militares, temos o exemplo entre nós. Os Noronha da Marinha e os Mena Barreto do Exército. Na Medicina, a história de nossas Faculdades se confunde um pouco com a de certas famílias de médicos. (Nava, 1974, p. 183).

Para Boursier (2002, n. p.), utilizando o estudo genealógico, o historiador pode atribuir uma função social a vestígios (traços), partindo de um protocolo de investigação com metas específicas. Tal investigação permite fazer da genealogia fator de prestígio ou desprestígio nas interações constitutivas de vínculos sociais, como indica esta passagem de *Baú de Ossos*:

A propósito de discriminação social no liberal Ceará, ocorre contar caso que me foi referido por minha tia Cândida Nava de Luna Freire. O de uma mocinha de Fortaleza que, por ser pobre e um pouco mais morena do que seria lícito, foi *desconvidada* de um bloco carnavalesco composto de senhoritas da alta. Acontece que o pai da moça era um sabedor de coisas, um arquivista da força daquele *Monsieur Mazure* de Anatole France e, mansamente, publicou um folheto com a genealogia das orgulhosas em que, para cada uma subia de geração em geração — avô, bisavô, trisavô quarto-avô ou mais — para só parar quando encontrava bem documentado, negro de pé espalhado ou vigário dizendo missa. (Nava, 1974, p. 93).

O conceito de traço não se limita a objetos, a cor da pele também pode ser considerada um traço, marca indelével de mestiçagem, afirmou Boursier (2002, n. p.), ao referir que Jean-Luc Bonniol (1992) explanou como essa marca biológica, esse fenótipo, seria considerado uma “maldição”, utilizada para legitimar uma hierarquia social dentro de certas sociedades que, de acordo com Zerubavel (2012, p. 11), utilizam o conhecimento genealógico (de base biológica e sociocultural) segundo políticas segregativas especificamente designadas a produzir comunidades etnorraciais puras. Pedro Nava aludiu à questão nos seguintes termos:

O estudo genealógico pode também ser uma necessidade. Entre nós já o foi, no período colonial, quando para ter emprego e obter mercês metropolitanas era preciso provar a pureza de sangue e demonstrar que o mesmo não tinha sido poluído pelos de “mouro, negro, judeu e quaisquer outras infectas nações”. Nossa sociedade em formação adquiriu disto o hábito do registro, a memória e o orgulho da ascendência, ao tempo em que aperfeiçoava preconceitos raciais hoje inaparentes. Uns porque foram superados, outros por terem perdido a razão de ser ou entrado em latência. (Nava, 1974, p. 182).

Em certos casos, observou Boursier (2002, n. p.), as pessoas permanecem totalmente invisíveis, no sentido de nada deixarem como inscrição no tempo, contudo, um nome poderia constituir o traço de uma inscrição ao fornecer, como afirmou Eakin (2008, p. 5), em uníssono com Boursier, uma face, uma história, uma imagem, capaz de restaurar a ruptura com as vidas que desapareceram, mas que alguém aceita como representativas de si mesmo. Um dos modos de um nome ser lembrado por gerações, expôs Ricoeur (1985, p. 248), é mediado pela relação com textos históricos e literários produzidos por uma comunidade, textos que a identificam. A tais considerações acrescenta-se a noção de linhagem, referida neste excerto de *Baú de Ossos*:

Eram velhos, velhíssimos, várias vezes centenários — milenários! — os nomes portugalenses, lusitanos, galaicos, castelhanos, leoneses, suevos, celtibéricos e godos da gente de que descendia o tropeiro Luís da Cunha. Alguns coevos, outros mais velhos que o nosso Império, que a colônia, o reino, o condado. Para chegar a essas trevas, basta seguir, de galho em galho, as árvores levantadas por [...] genealogistas mineiros, brasileiros, portugueses e espanhóis. O Coelho de Luís da Cunha é o mesmo de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário de Pernambuco e o mes-

míssimo de Pero Coelho, um dos três “horríficos algozes” que avultam na história, vermelhos e fumegantes do sangue da Inês de Castro. Morreu por ele, na tortura e tendo se lhe arrancado pelas frentes do “peito carnicero”. (Nava, 1974, p. 148).

Anthony John Woodman (1998, p. 100) recorda ser comum para antigos historiadores utilizar passagens digressivas para concluir uma seção narrativa ou fazer a transição entre uma seção e outra, técnica usada por Pedro Nava ao dar início à seção final de “Caminho Novo”, capítulo II de *Baú de Ossos*, com uma série de reflexões que justificam o estudo genealógico:

Não é possível vender um cavalo de corridas ou um cachorro de raça sem suas genealogias autenticadas. Por que é que havemos de nos passar, uns aos outros, sem avós, sem ascendentes, sem comprovantes? Ao menos pelas razões de zootecnia devemos nos conhecer, quando nada para saber onde casar, como anular e diluir defeitos na descendência ou acrescentá-la com qualidades e virtudes. Estuda-se assim a genealogia procurando as razões de valores físicos e de categorias morais. *Bon sang ne peut mentir*. (Nava, 1974, p. 179).

Ao justificar o estudo genealógico, Pedro Nava destaca, mais de uma vez, o valor da pesquisa documental em apoio à pesquisa genealógica. O caso da herança de José Feliciano Pinto Coelho da Cunha (1792–1869), o Barão de Cocais, mescla história familiar, imaginário popular e memória coletiva. A pesquisa documental remete à pesquisa arquivística, na busca por vestígios para ratificar fatos. Segundo Ricoeur (1985) e Boursier (2002, n. p.), havendo vestígio não há memória verdadeira, pois existe mediação e história ao relacionar o presente e o passado, do qual só se conhecem vestígios que, embora deixados pela atividade humana, passam por operações arquivísticas e narrativas (escritas e orais) de reconstrução e ordenação:

Além de ser com finalidade de conhecer o valor saúde das famílias e por extensão, o valor-saúde-nacional, há outros motivos que levam aos estudos genealógicos. Herança. Aparecimento de tesouros. Está no último caso essa complicada história da herança do Barão de Cocais que revoluciona periodicamente a família Pinto Coelho e leva milhares de seus membros a revolverem os tombos de igrejas, bispados, cartórios, a papelada do Arquivo Público Mineiro — cada grupo familiar com a esperança de herdar mais que o outro, cada um sonhando seus achados dos primos e querendo abiscoitar sozinho os milhões do Banco de Londres, os terrenos da Praça Mauá, do Cais do Porto, de todo o Centro do Rio de Janeiro, de parte dos subúrbios, glebas fluminenses, sesmarias em Goiás, as minas das Minas, bairros em Lisboa, castelos na Espanha, o tostão de ouro da Colchida, os tesouros de Golconda, Eldorados, Pactolos... (Nava, 1974, p. 180).

Boursier (2002, n. p.) associou a investigação da ancestralidade na sociedade moderna ao manejo de processos arquivísticos; Zerubavel (2012, p. 4) associou essa tendência ao termo “progonoplexia” que, no âmbito da história cultural da Grécia, alude ao culto dos ancestrais e de suas realizações no passado, em busca de uma identidade biológica, cultural e histórica coletiva. Recorde-se o valor da etnicidade e descendência para nações como Japão e Israel.

Zerubavel (2012, p. 47) parafraseou o sociólogo Anthony Smith (2002), para quem não há nenhuma “nação” sem o próprio mito tácito de origem e descendência que defina sua base ficcional de parentesco e teia de laços afetivos, o que justifica o empenho de muitas nações em definir fundações genealógicas e retratar seus membros como descendentes de um ances-

tral comum, mesmo quando a evidência histórica é insuficiente. De tal empenho procedem imagens de nações étnicas como famílias ampliadas ou expressões como “filhos da nação”, “patriotismo” e “pais fundadores”. Nesse sentido, o termo “comunidade genealógica” abrange o conceito de nacionalismo, entendido na acepção de culto em que perfis históricos e míticos, tornados heróis e símbolos nacionais, ocupam o lugar de antigos clãs ao representar a nação como nobre linhagem, enfoque estendido a memoriais biográficos e árvores de família:

Finalmente, as genealogias servem à vaidade. Pouco, porque pensando bem, as árvores de família nunca se apresentam copadas, mas mostrando no passado o galho único que não ficou esquecido, o que foi documentado, o que pode aparecer. Porque não existem famílias que não venham, a um só tempo, do trono e da lama. (Nava, 1974, p. 184).

Uma das justificativas do estudo genealógico nas *Memórias* reporta aos conceitos de “identidade *idem*” e “identidade *ipse*” propostos por Ricoeur (2004, p. 165): à mesmidade corresponde a base biológica, genética, da identidade; à ipseidade, a base cultural que fornece modelos e valores adotados durante a vida. Ricoeur (2004, p. 81) cita o aspecto complementar das identidades *idem* e *ipse*, apontando, como causa primária da fragilidade da identidade, a relação com o tempo, que torna a recorrência à memória componente temporal da identidade, em uníssono com a avaliação do presente e a projeção do futuro. Tal relação com o tempo é problemática devido à natureza equívoca da noção de mesmo, implícita na noção de idêntico, posto que, conforme afirmou Eakin (2020), cada ato pessoal de reminiscência do mesmo fato é único e diverso ao reconstituir o passado e representar o eu. Eakin aproxima-se da teoria da identidade narrativa de Ricoeur (1985), e adota o enfoque neurobiológico da representação do eu na autobiografia, segundo a teoria do neurologista Antônio Damásio, para o qual as noções de eu e de narrativa autobiográfica estão enraizadas no corpo e na vida do indivíduo. Sob esse prisma, o “biologista” une a identidade *idem* a uma cadeia de identidades e histórias de vida:

Suprimindo a vaidade, o que procuro na genealogia, como biologista, são minhas razões de ser animais, reflexas, indistintas, genéticas, inevitáveis. Gosto de saber, na minha hora de bom ou mau, na de digno ou indigno, nobre ou ignóbil, bravo ou covarde, veraz ou mentiroso, audaz ou fugitivo, circunspecto ou leviano, puro ou imundo, arrogante ou humilde, saudável ou doente — quem sou eu. Quem é que está na minha mão, na minha cara, no meu coração, no meu gesto, na minha palavra; quem é que me envolta e grita estou aqui de novo, meu filho! meu neto! você não me conheceu logo porque eu estive escondido cem, duzentos, trezentos anos. (Nava, 1974, p. 186).

Pedro Nava examinou a memória da história familiar na acepção de legado comum e constitutivo da identidade pessoal, tal como o fez Boursier (2002, n. p.), que relacionou os números tatuados nos prisioneiros de Auschwitz-Birkenau à necessária busca do significado de um traço, cuja interpretação depende igualmente de um questionamento. Boursier citou o historiador Serge Klarsfeld (1992), que julga este número de matrícula parte de sua memória, como se seu pai, através do tempo, lhe transmitisse uma mensagem. Nesse sentido, o traço é o suporte de uma operação de transmissão da memória, que Pedro Nava descreveu com lirismo:

Poeticamente, a genealogia é oportunidade de exploração no tempo. Nada de novo sobre a face do corpo. Nem dentro dele. Esse riso, esse jeitão, esse cacoete, esse timbre de voz, esse olhar, esse choro, essa asma, essa urticária, esse artrismo, esse estupor, essa uremia — são nossos e eternos, são deles e eternos. Vêm de trás, passam logo para o futuro e vão marcando uma longa cadeia de misérias. São sempre iguais e emergem ao lado das balizas trágicas do nascimento, do casamento, do amor, do ódio, da renúncia, da velhice e da morte. Vão pontuando e contrapontuando um longo martírio... (Nava, 1974, p. 186).

O excerto conecta a genealogia a outro tema estrutural das *Memórias*: a “oportunidade de exploração no tempo”,⁵ em conjunto com os temas do tempo⁶ e da memória, no sentido de constructo mental, desde o que Pedro Nava (1974, p. 26; p. 306) descreveu como “[...] aquela impregnação meio tátil, meio olfativa, meio vígil, meio onírica com que as crianças (antes da memória associativa) reúnem o material para a construção do fantasma favorável, da sombra propícia”; à “[...] memória involuntária, que é total e simultânea [...] ponto de partida para as analogias e transposições poéticas”, reflexões ampliadas pela combinação de dois enfoques.

O primeiro alude à memória radicada na cultura, que valida códigos de conduta social; registros escritos, orais, íntimos e públicos da história familiar; operações arquivísticas de teor doméstico e institucional; políticas de preservação de acervos pessoais e familiares; questões de direito e sucessão patrimoniais; além de marcas de identidade, como nomes, sobrenomes, brasões, lugares (a “chácara da Inhá Luísa”, o “Parque Halfeld”) e até iguarias com valor de objeto cultural (caso do Bolo Souza Leão, em Pernambuco). Entre as receitas de família, em *Galo-das-Trevas* Pedro Nava (1981a, p. 260) recorda o “café da Inhá Luísa”: “[...] do sobrado dos avós [...]. Café fraco, fresco, pulando de quente, em xicrona, com pão-de-bundinha, pão alemão, queijo e um cuscuz de fubá daqueles”, memória da história e do “folclore” familiar:

[...] Afonso Pena Júnior voltou à minha família, por ele e ali, soube que minha avó Maria Luísa e o Conselheiro pai dele tinham se batizado no mesmo dia, na mesma igreja, um depois do outro, em Santa Bárbara do Mato Dentro. Mostrou-se conhecedor do folclore de minha gente. (Nava, 1976, p. 345).

O segundo enfoque alude à memória da identidade pessoal e familiar, proveniente de fatores biológicos, como hereditariedade e cognição, sem excluir a influência de fatores sócio-históricos. Ambos os enfoques do estudo genealógico examinam a transmissão e

⁵ Liliann Manning, Daniel Cassel e Jean-Christophe Cassel (2013) observaram que reconstituir o passado e viajar mentalmente no tempo são habilidades mentais mediadas pela cognição e pela capacidade de estar consciente do “tempo subjetivo”, temas assentes nas reflexões de Santo Agostinho sobre tempo e memória, no Livro XI das *Confissões*. Pedro Nava (1974, p. 35) cita tais temas nesta digressão: “Se a batida do Ceará é uma rapadura diferente, a batida de minha avó Nanoca é para mim coisa à parte e funciona no meu sistema de paladar e evocação, talqualmente a *madeleine* da *tante* Leonie. Cheiro de mato, ar de chuva, ranger de porta, farfalhar de galhos ao vento noturno, chiar de resina na lenha dos fogões, gosto d’água de moringa nova — todos têm a sua *madeleine*. Só que ninguém a tinha explicado como Proust — desarmado implacavelmente, peça por peça, a mecânica lancinante desse processo mental. [...] A batida é viagem no tempo”.

⁶ Certas digressões de Pedro Nava (1977, p. 124) abordam os mecanismos da memória com matiz filosófico, por exemplo, ao aludir à reconstituição do passado em consonância com o tempo histórico e o tempo subjetivo: “Como é difícil recordar, sem superpor os planos do Tempo cristalino e ver — sem ser em conjunto — as várias cenas que se passam nos quartos separados de uma casa toda de vidro. Imaginamos o Tempo, numa sucessão. Sua lembrança, entretanto, pode ser ora seletiva, ora cumulativa e de revivescência simultânea”.

permanência de heranças de base biológica e cultural, traços do passado que “passam logo para o futuro”.

Considerações finais

A prosa memorialística de Pedro Nava une autobiografia, biografia, história cultural e social, mescladas a digressões de viés ensaístico sobre as temáticas estruturais de episódios e capítulos. O tema da genealogia integra-se à reconstituição da história familiar, ao comentário de temas e questões de ordem vária, representativos das preocupações intelectuais e sociais do médico, literato e historiador da medicina. A orientação rizomática do pensamento de Pedro Nava (1974, p. 17) relaciona genealogia; memória; “Tempo”, “oportunidade de exploração no tempo”, “viagem no tempo”; “recomposição de um grupo familiar desaparecido”; transmissão e “[...] construção da tradição familiar. Esse folclore [que] jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho”. “Além disso, certa morbidez, certo gosto espanhol e escurialesco pela morte, pelo sepulcro, pelo cadáver e pelas lágrimas”, tema que Pedro Nava (1974, p. 49) sintetizou na expressão “fuga para o convívio dos mortos”. Tais digressões remetem, nos planos composicional e metalinguístico das *Memórias*, à metodologia de pesquisa para “recompôr os quadros d[a] família”.

O modo de Pedro Nava justapor conhecimento genealógico, herança cultural, história familiar, ancestralidade genética e identidade social para reconstituir o passado apreende dois domínios: o (auto)biográfico e o digressivo-ensaístico. Sob enfoque interdisciplinar, ambos os domínios expõem contextos e situações em que a genealogia é utilizada. O plano da narrativa (auto)biográfica retrata parentes que, em algum momento, exerceram o papel de historiadores, “linhagistas” e “arquivistas da família”. Entre aqueles do ramo paterno da árvore genealógica de Pedro Nava (1974, p. 47): “No que ninguém podia com o Itrício [Narbal Pamplona] era na memória. Essa prenda fazia dele o linhagista da família [...] Mas no que o Itrício era verdadeiramente imbatível era no deslindar parentescos”; no ramo materno, destacavam-se D. Lourença Maria de Abreu e Melo, D. Joana Carolina Pinto Coelho (Joaninha), D. Hortênsia Natalina Jaguaribe de Alencar, D. Amair Horta Pereira e Antônio Carlos Horta (Antonico).

No plano digressivo-ensaístico, o historiador e cronista de costumes reporta-se a usos da genealogia no período colonial e a políticas discriminatórias contra indígenas, mamelucos, negros, mulatos, mouros e judeus. Pedro Nava (1974, p. 183) põe em relevo visões sociais do parentesco genealógico oriundas da mentalidade Ibérica, ao notar que “[...] esses preconceitos é que fizeram necessários os linhagistas paulistas e mineiros, que, com seus estudos e mais os dos fluminenses, dos baianos e pernambucanos, trouxeram imensa contribuição ao conhecimento da formação social e da antropogeografia do Brasil”, argumento concernente às atitudes de “orgulho”, “prosápia”, “ vaidade” e repúdio suscitadas pela imagem da identidade social que as “árvores de costado” projetam de indivíduos, famílias e nações em cada cultura.

Associando o estudo genealógico ao “[...] orgulho do encadeamento de gerações dadas a um mister, a uma profissão”, Pedro Nava (1974, p. 183) defende ainda um conhecimento sociológico de ancestralidade e descendência. Nesse sentido, é oportuno citar o comentário de João Alfredo Sousa Montenegro sobre “a personalidade de historiador” de um dos médicos da família da avó paterna do memorialista, o Dr. João da Cruz Abreu, referido em *Baú de Ossos*:

Ressalte-se que José Bonifácio Abreu de Souza integra uma família de historiadores. João da Cruz Abreu e Júlio Abreu, seus tios maternos, tiveram inquestionavelmente ascendência intelectual sobre ele e ambos colaboraram com bons trabalhos na Revista do Instituto do Ceará; (Montenegro, 2003, p. 157).

Genealogia e herança (biológica, cultural e patrimonial) são temas correlacionados à repetição de determinada vocação, talento, índole, patologia ou fenótipo entre as gerações de uma família, tópico que o médico, anatomista e “biologista” investiga “do ponto de vista da zootecnia e da fuga para o convívio dos mortos”, ponderando “razões de zootecnia”, “razões de valores físicos e de categorias morais”, “razões de ser animais, reflexas, indistintas, genéticas, inevitáveis”, o “valor saúde das famílias e por extensão, o valor-saúde-nacional”.

No âmbito da história familiar, o tema da repetição surge por alusão a semelhanças de fisionomia; de comportamentos; de eventos e nomes. Em *Baú de Ossos*, refiram-se as mortes precoces de Pedro da Silva Nava, aos 37 anos, e de José Pedro da Silva Nava, aos 35; e o caso trágico, relatado por Pedro Nava (1974, p. 339), da irmã de José Nava, que recebe “nome absolutamente igual” ao de certa tia, tem o noivo assassinado por engano e vem a se casar com “[...] o sócia de seu amado morto [...] Além do mais, além da semelhança, da farda, até o mesmo nome!”. Cumpre notar ainda a justificativa de Pedro Nava (1995, p. 41), em entrevista a Edimílson Caminha, sobre a criação do personagem Egon: “[...] eu não teria coragem de contar certos fatos meus, da minha boêmia — e de meus amigos, cujos nomes também estão encobertos — dizendo eu, me sentiria mal”. De modo análogo, em *Chão de Ferro*, o Major Jaguaribe, avô de Pedro Nava (1976, p. 277), criou um personagem para narrar suas aventuras no “[...] velho livro de *Deve e Haver* [...] que de repente virava num diário. Descrevia o dia-a-dia da vida de um pastor chamado Clódio [...] evidente que Clódio era ele, o próprio Major”.

Repetição e transmissão são temas comuns a vários retratos humanos. As *Memórias* estão repletas de alusões a “arquivistas”, “linhagistas”, bons narradores e pessoas com talento para o desenho, a literatura e a música nas famílias materna e paterna de Pedro Nava. Matheus Nava (2018), sobrinho-neto do memorialista, referiu em entrevista ao jornal *Tribuna de Minas* o talento para o desenho de José Hipólito,⁷ filho de Maria Luiza Nava Ribeiro, irmã mais nova de Pedro Nava e que, entre os irmãos, o médico José da Silva Nava também era escritor, “Ana [Jaguaribe da Silva Nava], a quarta filha e primeira mulher a nascer na família, era uma síntese dos Nava [...]. ‘Era ela quem fornecia informações com muita riqueza de detalhes. Ela era a fonte que o ajudava a detalhar fatos e lugares nos livros’”. Ao retratar cenas e pessoas, Pedro Nava concilia referências artísticas, históricas e literárias à genealogia, sublinhando, como (auto)biógrafo, traços de uma identidade familiar que resiste no tempo:

Atento agudamente nesses retratos no esforço de penetrar as pessoas que conheci (uns bem, outros mal) e cujos pedaços reconheço e identifico em mim. Nas minhas, nas deles, nas nossas superioridades e inferioridades. Cada um compõe o Frankenstein hereditário com pedaços dos seus mortos. Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra,

⁷ Jovem promissor, José Hipólito Nava Ribeiro (1947–1969) foi morto em um acidente de trânsito. Em *Galo-das-Trevas*, com nuances de elegia fúnebre. Pedro Nava (1981a, p. 64) biografou-o reconstituindo o ramo Nava de seus ascendentes até o tetravô “italiano Francesco — Francisco Nava”, mas atribuiu sua vocação para o desenho à família Jaguaribe: “Todos os Jaguaribe têm o que se chama grande jeito para desenhar e pintar. No nosso ramo, isto foi prenda do Major, meu avô, desenhista fino [...] que apenas lhe cabe o nome de amador”.

lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível, toda a verdade. (Nava, 1974, p. 211).

Em razão das correspondências que atestam entre identidade, memória e tempo, assim como a obra de Proust, as *Memórias* podem abranger a pesquisa dos mecanismos neurais do tempo na memória autobiográfica, área que relaciona cognição, emoção, memória e narrativa, e que contribui para o diálogo atual entre história cultural, literatura e sociologia. Recordando, segundo trabalhos de Erikson (1963, 1980), Boursier (2002), Ricoeur (2004) e Eakin (2008), o sentido de legado e as operações de transmissão de memória pressupostos pela narrativa (auto)biográfica, os relatos e ponderações de Pedro Nava sobre o tema da genealogia revelam visões multidisciplinares da identidade no tempo, ao sondar o passado e o futuro. Ao presente é reservado o desafio da conservação de vasto e profícuo acervo contendo itens ainda inéditos. Parte deste acervo foi depositada na Fundação Casa de Rui Barbosa, outra parte, após a morte de Paulo Penido, em 2013, permanece hoje aos cuidados de “arquivistas da família” Nava.

Referências

- AGUIAR, Joaquim Alves de. A vida dupla de Pedro Nava. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1997.
- BOUSIER, Jean-Yves. La mémoire comme trace des possibles. *Socio-anthropologie*, Paris, v.12, 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-anthropologie/145>. Acesso em: 05 out. 2023.
- CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p. 51–69.
- EAKIN, Paul John. *Living Autobiographically: How We Create Identity in Narrative*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.
- EAKIN, Paul John. *Writing Life Writing: Narrative, History, Autobiography*. New York: Routledge, 2020.
- EICHENBAUM, Howard B. *The Cognitive Neuroscience of Memory*. Oxford – New York: Oxford University Press, 2002.
- ERIKSON, Erik H. *Childhood and Society*. New York: Norton, 1963.
- ERIKSON, Erik H. *Identity and the Life Cycle*. New York: Norton, 1980.
- ERIKSON, Erik H. *Life History and The Historical Moment*. New York: Norton, 1975.
- FOX, Robin. *Kinship and Marriage: An Anthropological Perspective*. New York: Cambridge University Press, 1967.
- IRVINE, Judith T. When is Genealogy History? Wolof Genealogies in Comparative Perspective. *American Ethnologist*, v. 5, n. 4, p. 651–674, 1978. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/643643>. Acesso em: 05 out. 2023.
- MACEIRAS, Manuel. Presentación de la traducción castellana del tercer volumen. In: RICOEUR, Paul. *Tiempo y Narración: el tiempo narrado*. Tradución de Agustín Neira. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2006, p. 629–631.

MANNING, Liliann; CASSEL, Daniel; CASSEL, Jean-Christophe. St. Augustine's Reflections on Memory and Time and the Current Concept of Subjective Time in Mental time Travel. *Behavioral Sciences*, v. 3, n. 2, p. 232–243, jun. 2013. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4217622/>. Acesso em: 05 out. 2023.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira; GOMES, William Barbosa. Personalidades vocacionais, generatividade e carreira na vida adulta. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 71–79, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n2/v6n2a07.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Historiografia do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2003.

MOORE, Susan; DOREEN, Rosenthal; ROBINSON, Rebecca. *The Psychology of Family History: Exploring our Genealogy*. New York: Routledge, 2020.

NAVA, Matheus. Sobrinho-neto de Pedro Nava resgata objetos pessoais, fotos e vídeos do escritor. [Entrevista a Mauro Morais]. *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 26 jun. 2018. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/26-06-2018/sobrinho-neto-de-pedro-nava-fala-sobre-mega-exposicao-do-escritor-em-2019.html>. Acesso em: 05 out. 2023.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

NAVA, Pedro. Cem anos cravados na memória. [Entrevista cedida a] Edina Panichi. *Folha de Londrina*, Londrina, 4 jun. 2003. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha2/cem-anos-cravados-na-memoria-449186.html>. Acesso em: 05 out. 2023.

NAVA, Pedro. *Chão de Ferro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

NAVA, Pedro. Pedro Nava: em busca do tempo vivido. In: CAMINHA, Edmílson. *Palavra de Escritor*. Brasília: Thesaurus Editora, 1995, p. 37–50.

NAVA, Pedro. *Galo-das-Trevas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981a.

NAVA, Pedro. Quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente. [Entrevista cedida a] Lourenço Dantas Motta. *Folha de São Paulo*, Suplemento Cultural, p. 8–10. São Paulo, 15 fev. 1981b.

PANICHI, Edina. As genealogias culinárias de Pedro Nava. *Manuscrita*, São Paulo, n. 35, p. 65–77, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177910/164926>. Acesso em: 05 out. 2023.

RICOEUR, Paul. *Memory, History, Forgetting*. Translated by Kathleen MacLaughlin and David Pellauer. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

RICOEUR, Paul. *Time and Narrative*. Vol. III. Translated by Kathleen MacLaughlin and David Pellauer. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

SHEPHERD-BARR, Kirsten; SHEPHERD, Gordon M. Madeleines and Neuromodernism: Reassessing Mechanisms of Autobiographical Memory in Proust. *Autobiography & Neuroscience*, v. 13, p. 39–60, 1998. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08989575.1998.10815117>. Acesso em: 01 set. 2023.

WOODMAN, Anthony John. *Tacitus Reviewed*. New York: Oxford University Press, 1998.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Ancestors and Relatives: Genealogy, Identity and Community*. New York: Oxford University Press, 2012.